

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



QUESTÃO RACIAL E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS RESTRITIVAS: crítica à ordem internacional para a superação da barbárie

Ariane Rego de Paiva¹

RESUMO

O presente artigo se destina à crítica da construção político-jurídica das categorias migratórias no sistema mundial, utilizando-se de referenciais teóricos marxistas e de outras chaves analíticas que nos ajudem a compreender as novas configurações da questão racial na ordem hegemônica internacional contemporânea que incidem no controle da força de trabalho e nas práticas de segurança através da chamada governança migratória. Argumenta-se que as categorias migratórias estão em constantes disputas, permeadas por marcadores de classe, gênero, raça/etnia, nacionalidade, religião etc. que estruturam as formas de opressão e exploração (ou superexploração) nas relações desiguais de poder, tanto nacionais quanto internacionais, inseridas nos movimentos de acumulação capitalista mundial, nas formas imperialistas de dominação, e nas lutas e organizações de resistência.

Palavras-chave: Migração. Questão Racial; Nacionalismo.

ABSTRACT

This article is intended to criticize the political-legal construction of migratory categories in the world system, using Marxist theoretical references and other analytical keys that help us to understand the new configurations of the racial issue in the contemporary international hegemonic order that affect the workforce control and security practices through so-called migratory governance. It is argued that migratory categories are in constant dispute, permeated by markers of class, gender, race/ethnicity, nationality, religion, etc. that structure forms of oppression and exploitation (or super-exploitation) in unequal power relations, both national and international, embedded in movements of world capitalist accumulation, in imperialist forms of domination, and in resistance struggles and organizations.

Keywords: Migration. Racial issue. Nationalism.

¹ Departamento de Serviço Social da PUC-Rio; Doutora em Política Social; arianepaiva@puc-rio.br.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

Para a compreensão da diversidade de deslocamentos humanos contemporâneos é preciso inseri-los nas dinâmicas estruturais das relações capitalistas mundiais e dos processos de constituição dos Estados-nações. Os fluxos de migrações internacionais contemporâneos envolvem vários determinantes como as crises econômicas, as questões climáticas e ambientais, a fome e a miséria, as relações e disputas geopolíticas e diplomáticas entre os Estados, as disputas étnico-raciais e religiosas etc., frutos das novas expressões de expropriações e das violentas disputas econômicas e políticas pelo globo.

Há, entretanto, muitas controvérsias na proteção internacional destinada aos migrantes e suas diferentes categorias migratórias. Os tratados internacionais e as legislações domésticas dos Estados baseadas no princípio de soberania, legitimam a regularidade da mobilidade, e vão construindo diferentes categorias para o “status” migratório, com políticas migratórias e de cidadania que limitam o acesso regular nos territórios. De acordo com diferentes interesses políticos, econômicos, ideológicos e culturais, vão se constituindo categorias de quem “merece ou não a proteção”, dos migrantes elegíveis, dos irregulares, e com isso, processos excludentes e de criminalização de certos grupos. Com isso, há o crescente número de situações de contrabando humano, de mortes de imigrantes de todas as idades nas travessias, de exploração e violências diversas.

O presente artigo se destina à crítica da construção político-jurídica das categorias migratórias no sistema mundial, utilizando-se de referenciais teóricos marxistas e de outras chaves analíticas que nos ajudem a compreender as novas configurações da questão racial na ordem hegemônica internacional que incidem no controle da força de trabalho e nas práticas de segurança através da chamada governança migratória.

2 UMA LEITURA SOBRE IDENTIDADE NACIONAL, CIDADANIA E LEGALIDADE

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Com o processo de mundialização do capital a partir do decorrer da década de 1980 (CHESNAIS, 1996), chamado por alguns de globalização, o número de migração entre fronteiras tem crescido por várias razões. Os processos de internacionalização da produção e da dominação do capital financeiro se confrontaram com a existência dos Estados nacionais e acentuaram as relações hierarquizadas entre países, ao mesmo tempo em que reconfiguraram essas relações (CHESNAIS, 1996).

Sassen (2016) pontua duas mudanças profundas que ocorrem no mundo inteiro a partir da década de 1980 e que vão evoluir em cada localidade com características distintas e específicas e que serão cenários para diferentes formas do que a autora chama de “expulsões”. A primeira é o crescimento de áreas cada vez maiores, em zonas extremas, para operações econômicas (uma terceirização global de extrações, serviços, indústrias etc. com baixos custos e regulamentação fraca) e por outro lado, a criação de cidades globais com funções econômicas altamente avançadas e que representam uma nova geografia da centralidade, que mudam as conhecidas divisões mundiais entre Norte-Sul e Oriente-Occidente. A segunda mudança é a ascensão do setor financeiro na rede de cidades globais, utilizando de tecnologias e instrumentos complexos para securitizar uma variedade de instituições e processos. Essa nova realidade impôs processos de desempregos, expropriações e fez aumentar a miséria e destruição socioambiental, o que leva milhares de pessoas a migrarem (internamente ou transnacionalmente).

Doty (2014) aponta que algumas formas de passagem de fronteiras são bem-vindas e até incentivadas pelos governos, como no caso do turismo ou a educação, ou as viagens de negócios e empregos no exterior. A autora descreve que este é o tratamento “push” e “pull”, para as migrações economicamente motivadas. A falta de salários, a pobreza e a oportunidade de trabalho no exterior “empurram” os sujeitos aos países que os “puxam” devido às melhores condições de vida (empregos e renda). No entanto, nem todo deslocamento transfronteiriço é bem-vindo. Ainda

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

conforme a autora, a maioria dos países ocidentais industrializados adotaram cada vez mais políticas restritivas de imigração na última década. Este tem sido o caso principalmente para a força de trabalho pouco qualificada.

Este movimento de recrudescimento do controle da força de trabalho sobre as migrações internacionais foi acompanhado da precarização das condições de vida e aumento das desigualdades no âmbito nacional dos países, com forte apelo às práticas individualistas de sobrevivência e conseqüentemente, com crescimento das disputas étnico-raciais e do racismo, em várias partes do mundo. A resposta capitalista à crise econômica pós-década de 1970 foi o neoliberalismo, que transformou profundamente as formas de acumulação e as sociedades. Para Dardot e Laval (2016) este não é apenas uma ideologia ou um sistema econômico, mas um sistema normativo que passou a influenciar todas as relações sociais e as esferas da vida, elevando a concorrência capitalista a todos os níveis e que define novos modos de subjetivação. “A polarização entre os que desistem e os que são bem-sucedidos mina a solidariedade e a cidadania. Abstenção eleitoral, dessindicalização, racismo, tudo parece conduzir ao enfraquecimento da capacidade de agir contra o neoliberalismo” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 9).

2.1 Doty e o debate de cidadania e legalidade

Para Doty (2014), o processo de regulação da mobilidade humana está alicerçado em dois critérios que se complementam: cidadania e legalidade. Estes dois conceitos (e o oposto de legalidade – a ilegalidade) estão imbricados aos problemas sociais e fenômenos políticos que envolvem lutas por significado e identidade dos Estados-nação. Por esse viés, as políticas migratórias de fechamento e segurança de fronteiras estão associadas às ideias de nação, fronteiras territoriais, Estado, cidadania e identidade, que forçam a leitura de uma estrutura mundial entre o “nós” e “eles”, o interno e o externo, entre o nacional e o internacional. A autora ainda inclui nesta perspectiva outros conceitos como soberania, identidade nacional e segurança

PROMOÇÃO



APOIO





nacional, que fazem parte de um conjunto de ideias concebidas para o entendimento do mundo e das relações entre nações, e que moldam, portanto, a formulação das políticas (externas e domésticas). Seriam esses complexos construtos sociais, políticos e jurídicos, que legitimariam então a expulsão, a hostilidade e a violência contra os “estrangeiros” indocumentados, ou irregulares e considerados ilegais.

A autora então busca referências em Balibar e Wallerstein (1991 apud DOTY, 2014) para a compreensão da cidadania moderna e da identidade nacional, que para estes autores, são historicamente vinculadas a identidade racial e à cultura. Os autores explicam que raça e cultura são difíceis de se definir cientificamente, e essa indefinição e ambiguidade facilitam que estes conceitos sejam utilizados como mecanismos de discursos de poder, e, por outro lado, se torna difícil definir se uma política anti-imigração é racista, por exemplo. Assim, Doty explica que ao se utilizar do discurso de interesse nacional, remete-se à esta suposta identidade, ao mesmo tempo em que nada se diz sobre o que isso significa. A identidade nacional é um fenômeno construído.

Em outras palavras, podemos pensar em identidade de uma forma mais complexa como um fenômeno socialmente construído. Podemos pensar a identidade como algo que não vem necessariamente antes do político e de práticas sociais, mas é construído por essas coisas (DOTY, 2014, p. 214 - minha tradução).

Na análise da autora, raça e cultura são utilizadas como marcadores fixos para identificar uma nação, um povo, e as consequências disso, quando se trata principalmente de raça, são relações de ódio e discriminação, que já culminaram em situações como o holocausto, a escravização e o colonialismo. Para Doty, utilizando-se de outros autores, o marcador de raça, utilizado na construção da identidade nacional não está vinculado somente à cor da pele, mas está determinado pela geografia, língua, cultura, nacionalidade, o que seriam formas de um racismo cultural, ou neo-racismo (BARKER, 1981; BALIBAR e WALLERSTEIN, 1991; DOTY, 2003; TAGUIEFF, 1990 apud DOTY, 2014). O racismo cultural seria uma categoria importante para se compreender as políticas migratórias recentes, a partir de uma suposta ameaça dos imigrantes à cultura e integridade nacional do país receptor. O

PROMOÇÃO



APOIO



“racismo à moda antiga”, nos dizeres de Doty, ainda persiste, mas novas expressões explicariam fenômenos que afetam as migrações transfronteiriças.

2.2 Balibar e a defesa de um “neoracismo”

Seguindo a trilha de Doty (2014), buscamos em Balibar e Wallerstein (2021) no trabalho intitulado: *Raça, nação, classe: as identidades ambíguas*, algumas considerações sobre a temática das relações de poder para aprofundamento do estudo das migrações contemporâneas.

Os autores problematizam a ambiguidade dos termos que dão título ao livro e seus usos discursivos e ideológicos na criação de identidade, esta compreendida nas relações de poder e em experiências de hierarquizações, desigualdades, opressões e discriminações. Os autores ainda acrescentam que poderíamos incluir a religião, como outra categoria analítica que intersecciona com as demais nestes processos.

É no texto de Balibar publicado nesta obra citada acima, “Existe um neoracismo?”, onde encontramos a argumentação de que a dimensão teórica do racismo, tanto do passado quanto do presente, é essencial para explicar o fenômeno dos processos de “exclusão”, mas não é suficiente. O autor busca demonstrar que o racismo faz parte de práticas discursivas e representações de segregação e proteção da identidade, em uma rede de estereótipos afetivos que permite a formação de uma comunidade racista e por outro lado, suas vítimas, expostos à violência e às mais diversas ameaças, se obrigam a se perceberem também como comunidade – ele aproxima esta análise ao que ocorre com o sexismo, por exemplo.

Assim, é importante identificar que as teorias racistas precisam ser racionalizadas por intelectuais, com um caráter de cientificidade, de modo que sejam internalizadas na constituição de uma cristalização da comunidade, que vai se estabelecer em torno da raça. Para isso, o autor vai definir a imitação da forma científica, uma pseudociência, de sua discursividade articulada a fatos visíveis, com

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

causas escondidas, que elaboram uma teorização espontânea do racismo de massas (BALIBAR, 2016, p.53).

Para a definição de identidades, as instituições possuem função essencial na vida social e política, já que distinguem os papéis sociais e a inserção dos sujeitos na esfera econômica – o Estado é parte fundamental da estruturação da identidade nacional, mas também a escola, a igreja, as associações etc. Para Balibar (2016) há, entretanto, uma nova linguagem e representação que dá início a uma hegemonia para a constituição de um neorracismo.

Para o autor, a categoria imigração é uma das formas de se identificar essas transformações. Cabe destacar que os estudos de Balibar estão focados na experiência francesa. O novo racismo está relacionado aos deslocamentos populacionais de antigas colônias e de antigas metrópoles a partir do processo de descolonização, o que não envolve somente a “raça”, mas as diferenças culturais e o caráter nocivo das “misturas” dos gêneros de vida e das tradições (que se apresentam lineares e cristalizadas no discurso construtivo da identidade nacional), o que se denominou de racismo diferencialista (TAGUIEFF, 1984 apud BALIBAR, 2016).

De fato, assistimos a um deslocamento geral da problemática. Da teoria das raças ou da luta das raças na história humana, fundamentada em bases biológicas ou psicológicas, passamos a uma teoria das “relações étnicas” (ou das *race relations*) na sociedade, que naturaliza não só o pertencimento racial, mas também o comportamento racista (BALIBAR, 2016, p.57).

O autor explica que o racismo diferencialista é um racismo sem raça. Poderíamos pensar que já existia algo parecido no fenômeno do antissemitismo. Todo racismo diferencialista, em diversos aspectos, pode ser aproximado a um antissemitismo generalizado, como no caso da arabofobia, principalmente visto na França (BALIBAR, 2016, p. 59). Nestes exemplos, Balibar demonstra a tradição racista em vertentes das teorias francesas, em que se apregoa uma missão universal de educação do gênero humano pela cultura do país em que originou os “direitos do homem”, utilizadas nas colonizações e nas relações entre os “civilizados e os bárbaros”, ou “progressistas e primitivos”. A preocupação entre as “misturas” culturais se expressa, principalmente, na proteção das fronteiras dos Estados, mas também

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

nas produções da integração dos imigrantes nas instituições, que reproduzem e legitimam “a cultura” das classes dominantes. De novo, volta-se para a ambiguidade da noção de cultura – que delimita as diferenças e desigualdades dentro da própria nação. Dentro de um Estado nacional, as culturas implicitamente superiores são as que estejam em consonância com os valores neoliberais e individualizantes.

Para finalizar, o argumento de Balibar é que diferentes formações sociais possuem influências diferenciadas de modelos teóricos que sustentam o racismo e conseguinte, as relações de controle das fronteiras. O racismo é definido e sustentado em relações sociais nacionais e imperialistas.

2.3 Xenofobia racializada, racismo cultural e políticas migratórias

Doty se ateve aos estudos das migrações nos EUA e Balibar na Europa, mais especificamente na situação da França. As noções de Estados nacionais, identidades e cidadania, imbricadas na constituição do capitalismo, contribuem para o entendimento das políticas restritivas entre fronteiras, fugindo de uma análise economicista, assim como as diferentes dimensões do racismo e suas configurações contemporâneas contribuem para a compreensão dos fenômenos de xenofobia.

O racismo vincula-se organicamente aos processos de xenofobia e para os autores, as questões identitárias e o nacionalismo estão imbricadas nas relações sociais da sociabilidade capitalista e suas reproduções. Na análise de Almeida (2021), o livro de Balibar e Wallerstein (2016) retrata o racismo como universal, mas demonstra que este se apresenta historicamente de distintas formas.

Em um outro contexto, na experiência de migrações na Inglaterra, Sivanandan (2001 apud FAUSTINO e OLIVEIRA, 2021) também chamou atenção para um “novo racismo”, que ele denominou de “xeno-racismo”, ao analisar a migração de pessoas de países da periferia para o centro. Não dando tanta ênfase às construções discursivas das misturas culturais, o autor também identificou formas de racismo em

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

que a cor da pele não estava, necessariamente, em primeiro plano, e sim as situações dos migrantes empobrecidos ou miseráveis em busca de asilo.

Para Faustino e Oliveira (2021), nos países como o Brasil, com o histórico de colonização e escravidão, o tratamento aos imigrantes possui uma distribuição desigual e seletiva baseada na origem geográfica e sobretudo, nas hierarquias raciais nativas. Seria, portanto, uma xenofobia racializada.

Com isso, neste breve espaço de argumentação, queremos demonstrar que as políticas migratórias, os critérios de elegibilidade de proteção para quem pode ou não entrar de forma regular no território, estão intrinsecamente voltadas para as relações de acumulação capitalista global e as formas sociais, econômicas e culturais particulares de organização dos Estados nacionais, suas constituições identitárias de comunidade (que envolvem a questão racial e cultural) e suas políticas internas de cidadania, e, portanto, do que se considera legal ou ilegal.

3 CONCLUSÃO

Partindo de algumas diferentes perspectivas da questão racial, queremos demonstrar que o racismo e suas diferentes formas que se apresentam historicamente e em diferentes formações sociais está vinculado às políticas restritivas de mobilidade humana.

As categorias migratórias estão em constantes disputas, permeadas por marcadores de classe, gênero, raça/etnia, nacionalidade, religião etc. que estruturam as formas de opressão e exploração (ou superexploração) nas relações desiguais de poder, tanto nacionais quanto internacionais, inseridas nos movimentos de acumulação capitalista mundial, nas formas imperialistas de dominação, e nas lutas e organizações de resistência.

Partindo desta construção de pensamento, identificar as migrações na dualidade entre migração forçada ou voluntária, como fazem as agências internacionais que se dedicam às migrações, é reduzir a realidade complexa que

PROMOÇÃO



APOIO





envolve os processos de deslocamento e mobilidade humana e tratar na superfície as formas institucionalizadas e legalizadas de proteção. Sugerimos que as formas de proteções e a ajuda humanitária, que são muito importantes e caras à efetivação dos direitos humanos, de forma contraditória, também fazem parte do controle da mobilidade de “desejáveis e indesejáveis”, além de contribuírem com a implementação de políticas contemporâneas de higienização, legitimadas por leis e por complexos aparatos governamentais, da sociedade civil e de órgãos internacionais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Nacionalidade e racismo em profunda conexão com o capitalismo. **Blog da Boitempo**, publicado em 21/05/2021. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/05/21/nacionalidade-e-racismo-em-profunda-conexao-com-o-capitalismo/> Acesso em: 24/05/2023.

BALIBAR, Étienne. Existe um neorracismo? In: BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Raça, nação, classe: as identidades ambíguas**. São Paulo: Boitempo, 2021.

BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. **Raça, nação, classe: as identidades ambíguas**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOTY, Roxanne Lynn. Why is people's movement restricted? In: J. Edkins and M. Zehfuss (Eds.). **Global Politics: A New Introduction**. Second Edition London: Routledge, 2014, pp.200-219.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Leila Maria de. Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU**, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum., Brasília, v. 29, n. 63, dez. 2021, p. 193-210.

SASSEN, Saskia. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

PROMOÇÃO



APOIO